



O chiste imidiático:

## *Satisfação garantida e o seu dinheiro de volta<sup>1</sup>*

Luciene Tófoli

### **Resumo:**

A investigação visa a um aprofundamento de perspectivas entre Jornalismo, Literatura e Psicanálise para se entender como ocorrem a constituição e o consumo da linguagem sensacionalista a partir das necessidades inconscientes. No campo jornalístico, as complexidades na formação da narrativa das notícias, notadamente os *fait divers*. Uma narrativa que se aproxima da literatura, na medida em que guarda toda estrutura da ficção, reatualizando sua carga mítica sem, contudo, perder de vista sua referência empírica. Nessa imbricação, o amparo está na Estética da Recepção e do Efeito, que assegura ao leitor o papel fundamental de legitimação da mensagem. Os pontos se fundem na Psicanálise, a partir da lógica do inconsciente, detectada nos chistes.

### **Palavras-chave**

*Fait divers* ; Chiste; Jornalismo; Literatura; Psicanálise

Em 1926, no texto **A questão da análise leiga – conversações com uma pessoa imparcial**, Freud destaca:

O tratamento analítico, é verdade, cruza o campo da educação médica, mas um não inclui o outro. Se [...] alguém tivesse de fundar uma faculdade de psicanálise, nesta teria de ser ensinado muito do que já é lecionando pela escola de medicina. [...] Por outro lado, a instrução analítica abrangeria ramos de conhecimento distantes da medicina e que o médico não encontra em sua clínica: a história da civilização, a mitologia, a psicologia da religião e a ciência da literatura. [...] O emprego da análise para o tratamento das neuroses é somente **uma** das suas aplicações; o futuro talvez demonstre que não é o mais importante. Seja como for, seria errôneo sacrificar todas as outras aplicações a essa única, só porque diz respeito ao círculo de interesses médicos (FREUD, 1976, vol.XX, p.278).

Inscrito nessa linha de pensamento, o trabalho que ora se apresenta procura fazer jus ao universo que se descortina na urdidura entre a Comunicação, a Psicanálise e a Literatura, flertando, vez por outra, com a lingüística, a semiologia e filosofia, numa dialética que assegura a não esterilização do discurso.

Empreendimento de grande monta e de extrato caudoloso, considerando-se a passagem por diversos campos do conhecimento, a pesquisa pretende um aprofundamento de perspectivas no sentido de se esclarecer em que circunstâncias ocorrem a constituição e o consumo da linguagem sensacionalista, a partir das necessidades inconscientes engendradas e atendidas por esse gênero jornalístico.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT Comunicação Aplicada ou Segmentada, do XII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sudeste.



Começando pela comunicação, identificamos duas vertentes teóricas em torno ao jornalismo. A primeira dá conta de que o jornalismo é o último baluarte da objetividade, onde limita-se à reprodução fiel, técnica e ética da realidade. Juarez Bahia em **Jornal, história e técnica** defende: o jornalismo “é apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, idéias, conhecimento e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação” (BAHIA, 1990, p.9).

Entretanto, desconstruir a afirmação anterior, não leva mais do que três ou quatro palavras. Apurar quer dizer tornar puro, o que significa ter que se livrar das impurezas, tornando mais fino, mais sensível e mais agudo. Mas, na notícia, qual parte é a impura? O que é mais sensível, mais agudo?

“Difundir idéias, conhecimento...” Tanto no grego quanto no latim, idéia quer dizer aspecto exterior, aparência, figura, imagem. O que pode haver de objetivo, exato, verdadeiro, claro e rápido na aparência, na figura, naquilo que se mostra no lugar de outro?

Finalmente, tomo emprestado o substantivo feminino veracidade. Para os lingüistas, sua origem é duvidosa. Não se sabe se vem do grego ou do latim, mas o antônimo de mentira, quer dizer atributo ou qualidade do que é verdadeiro ou corresponde à verdade. Mas, na verdade, o que é a verdade?

Por isso mesmo, a concepção de jornalismo evocada aqui está inscrita nas palavras de Clóvis Rossi, numa segunda via teórica:

jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvinte. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra[...] (ROSSI, 1980, p.7).

Palavra, como lembra Cony, que constrói e reconstrói o mundo, dá um novo sentido à vida e aos fatos cotidianos, aquela que se sobrepõe ao material bélico.

Palavra que vai se transformar em notícia e nos fazer avançar mais um passo. O primeiro deles marcha junto ao professor Nilson Lage. Em **Ideologia e técnica da notícia**, o autor afirma: “a notícia é articulação simbólica que transporta a consciência do fato a quem não o presenciou” (LAGE, 2001, p.49).

À essa afirmação, aderimos outras duas que nos complementam a reflexão. Na década de 70, Cremilda Medina, amparada numa visão marxista, avisava que a notícia, sob o complexo mercantil, nada mais é do que um produto de consumo da indústria cultural. E se é produto, acrescenta Lage, deve ter acabamento padronizado, obedecendo à lógica de mercado estabelecida pela classe dominante.



A esse ponto, é necessário que nos perguntemos: então, se é produto, se tem acabamento padronizado e se obedece à lógica de uma classe dominante, a notícia é o relato do fato ou um fato novo? Quem responde a essa indagação é Sousa, para quem as notícias podem representar a realidade, embora não sejam a realidade e nem o seu espelho. Entretanto, é fato incontroverso que elas contribuem para a construção de imagens dessa realidade, para a construção de significações sobre os acontecimentos e idéias e para o agendamento de temas na lista de preocupações do público.

E se o tema dessa pesquisa nasce das notícias de sexo, violência e morte, podemos dizer que a lista de preocupações desse público é liderada pelo sensacionalismo, ou seja, tornar sensacional aquilo que necessariamente não o é.

Desembarcamos, dessa forma, no mundo dos *faits divers*. A expressão francesa que, grosso modo, quer dizer fatos diversos, foi cunhada por Roland Barthes no estudo sobre a estrutura da notícia.

Considerado um dos principais nutrientes do jornalismo sensacionalista é bem definido nas palavras de Georges Auclair:

“O *fait divers*, como informação auto-suficiente, traz em sua estrutura imanente uma carga suficiente de interesse humano, curiosidade, fantasia, impacto, raridade, humor, espetáculo, para causar uma tênue sensação de algo vivido no crime, no sexo e na morte. Consequentemente, provoca impressões, efeitos e imagens [...]. A intenção de produzir o efeito de sensacionalismo no *fait divers* visa atrair o leitor [...] para ser consumido ou reconhecido como espetacular, perigoso, extravagante, insólito, por isso, atraente (apud ANGRIMANI, 1994, p.26).

Os *faits divers* têm ainda duas marcas. Segundo Barthes, apresentam uma causalidade corrompida, aberrante, onde se espera uma coisa aparece outra. Além disso, é marcado por uma coincidência fortemente denotada pelo fenômeno da repetição, o que leva a supor uma causalidade desconhecida, misteriosa.

Dessa forma, fechando a primeira parte da nossa investigação, concluímos que parte daquilo que se comunica através do jornalismo, notadamente as notícias sensacionalistas amparadas nos *faits divers*, não obedecem mais aos cânones jornalísticos de objetividade, clareza, verdade. Constituem-se, enfim, num meta-fato. Mas não um meta-fato qualquer. Sua estrutura revela algo que nos remete à literatura, aos folhetins, que se revelavam por partes, que mantinham o seu mistério amparado num discurso sempre tendente ao sensacional, ao interdito, ao não-dito, à ficção.

Pensando nisso, lançamos mão da literatura e esse é o segundo pilar de sustentação dessa pesquisa. Em dois tempos. Num primeiro, da teoria literária que dá



conta do processo de comunicação entre leitor, obra e autor: a Estética da Recepção e do Efeito. Num segundo, fomos investigar de que forma, dentro desse processo de comunicação, literatura e jornalismo comungam a estrutura narrativa da ficção.

Quando falamos em Estética da Recepção e do Efeito, nossa referência é Wolfgang Iser, para quem o processo de comunicação é seminal na construção da obra literária, assim como entendemos ser também no jornalismo, pois não há outra maneira de se efetivar a notícia.

Segundo Iser, é somente a partir dessa interação performativa – leitor, texto, autor – que a obra é capaz de produzir novos significados. Nas palavras dele:

A conseqüente interação entre ambos – leitor e obra – no processo de leitura transforma o texto num correlato noemático na mente do leitor. Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato de leitura. Tal negociação estreita o espaço entre o texto e o leitor, atenua a assimetria entre eles, uma vez que, por meio dessa atividade, o texto é transposto para a consciência do leitor (ISER, 1999a, p.28).

No que diz respeito à ficção, o primeiro ponto a se destacar é que, para Iser, ao contrário do que se pensa, não existe oposição entre ficção e realidade, porque a primeira deriva da segunda. O fato é flagrante quando avançamos na idade média em que vivemos e, globalizados, sofremos de hipertextualidade, ou como diz Pierre Lévy, de uma concentração virtual das leituras. Para ele, “o leitor é metamorfoseado em escrevente, não havendo escrita que possa ditar os constrangimentos da leitura, no sentido em que todo escrito poderá ser violado, alterado, entre-cruzado”(apud BABO, 1986, p.9).

Além disso, e talvez essa seja a questão fundamental, encontramos na notícia jornalística, assim como na ficção literária, uma narrativa dividida em *logos e mythos*. Como bem caracteriza Antônio Gonzaga Motta,

as notícias são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam. É como se os jornalistas estivessem sempre à espreita de acontecimentos já esperados, cabendo a eles apenas preencher os moldes que revelam os eternos dramas e tragédias da humanidade( MOTTA, 2002, p.8).

Dessa forma, temos que as notícias são *logos* enquanto relatos plenos de verossimilhança, calcadas num referencial externo, empírico, que lhes confere credibilidade num fluxo capaz de continuar repetindo os temas recorrentes do *mythos*. Afinal, como lembra Eliade, não nos é necessário conhecer a mitologia para que revivamos incessantemente os temas míticos.



Mas toda essa formulação que passa pela literatura e que busca a estreita relação, não acidental, entre a narrativa ficcional da literatura e das notícias dos *faits divers*, vai nos servir para considerar, com mais propriedade, a grande dificuldade que há entre a intenção explícita de um discurso objetivo e o seu resultado verdadeiro.

Todo discurso humano, inclusive aquele que pretende uma destacada objetividade e neutralidade afetiva, é dirigido por vontades implícitas que se sobrepujam à materialidade gramatical do discurso lógico, o que se adequa à linguagem jornalística. Como bem pontua Motta:

Ali, onde a intenção é expressar com rigor a realidade tal como ela é, sem ilusões, sem fantasias nem invenções, a presença do *mythos* converte subversivamente o discurso racional em seu contrário. No texto da reportagem não se dá, nem se dará nunca, o triunfo da objetividade nem tampouco a linguagem da notícia assumirá jamais a forma pura de uma narrativa: nela se realiza continuamente, de forma expressiva, a *coincidência oppositorum* do jornalismo. Na contemporaneidade, penso eu, o jornalismo é o lugar por excelência de realização da ambigüidade e da complexidade da experiência do ser humano (MOTTA, 2002, p.19 e 20).

Ou como bem lembra Barthes:

Não posso prestar-me à crença tradicional que postula por natureza um divórcio entre a objetividade do sábio e a subjetividade do escritor, como se um fosse dotado de uma liberdade e o outro de uma vocação, próprias ambas a escamotear ou a sublimar os limites reais da sua situação: reclamo o direito de viver plenamente a contradição do meu próprio tempo, que pode fazer dum sarcasmo a condição da verdade (BARTHES, 1993, p.27).

Dessa forma, nessa imbricação literatura-jornalismo, que nos leva a conceber que a notícia jornalística está emprenhada de toda a narrativa ficcional, apresentando-se como uma fabulação moderna da mitologia, somos obrigados a retornar à Estética da Recepção. Pois, segundo Iser, a ficção é o campo de ação onde um processo lúdico de fingimento é ativado e abre, dessa forma, o livre acesso da escrita ao imaginário. O que se dá, a partir de então, é um jogo que possibilita, através da mimese verbal, a encenação de uma realidade que, imediatamente, faz-se imaginária e, assim, inscreve-se no mundo do fingimento. O mundo do texto é entendido como se fosse um mundo e, portanto, relacionado com algo que ele não é. O texto que se ancora no jogo do fingimento é, necessariamente, marcado pela ambigüidade dos eixos do real a algo irreal ou impossível.

Enquanto fingimento, a ficção se desincumbe de todo condicionamento do mundo vivencial. No caso das notícias jornalísticas, de seu referencial empírico. Nesse deslizamento, é possível organizar formas e configurações para experiências



incognoscíveis no plano cotidiano, criando-se um espaço para uma alteridade imaginária, como postula Iser:

O texto ficcional [...] funciona, preferencialmente, como um meio de tornar o imaginário acessível à experiência fora de sua função pragmática. Ao abrir espaços de fingimento, o ficcional compele o imaginário a tomar uma forma, enquanto, ao mesmo tempo, age como um meio para sua manifestação (ISER, 1999b, p.71).

Enquanto portadora de uma narrativa ficcional, que se abre também ao campo do fingimento por parte do leitor, as notícias jornalísticas criam um campo de encenação onde todos os elementos estão condicionados pelo jogo do como se. Os relatos da realidade, ou seja, os meta-fatos, são transpostos para um plano de fingimento. Tudo o que existe no referencial empírico está sujeito ao implícito no mundo do texto, condicionado pelo relato de fragmentos da realidade e por uma intensa carga mítica, que opera em ambos os lados, do autor e do receptor.

Nas formulações da Estética da Recepção Iseriana, o imaginário, por vias ficcionais, pode atuar tanto no momento da confecção quanto no momento da recepção do texto. Dizendo de outra forma, Isabela Fernandes esclarece:

[...] o imaginário do autor e do leitor estão ativados no processo de comunicação [...]. Assim como ocorre na brincadeira infantil, no jogo [...] o autor e o leitor não perderão a lucidez em relação ao estado de fantasmagoria das representações ficcionais. Eles sabem afinal, que tudo não passa de um **como se**. Portanto, a partir de agora, estaremos falando de uma consciência subjetiva do autor ou do leitor que, no processo de comunicação [...] ativa intencionalmente o imaginário (2003).

Essa combinação realidade e imaginário, no texto ficcional, se manifesta, segundo Iser, num duplo movimento oscilatório que circula entre um eixo realizador e um eixo irrealizador: a realização do imaginário e a irrealização do real.

A realização do imaginário vai oferecer uma forma objetiva e uma determinação precisa às difusas formas do imaginário. “Portanto, se verifica uma transgressão de limites, que conduz do difuso ao determinado[...]. Nos atos de fingir, o imaginário ganha uma determinação que não lhe é própria e adquire, deste modo, um predicado de realidade” (ISER, 2002b, p.975).

Se o imaginário se caracteriza por sua extrema fluidez e pela caótica ausência de precisão de limites, na ficção ele vai ser dimensionado num novo esquema figurativo que vai lhe oferecer uma semelhança para com certa realidade selecionada. Dessa forma, por mais que haja numa notícia a influência do imaginário, ela terá que manter uma certa objetividade e concretude figurativa que possibilite a comunicação, que vão



funcionar, ainda, como o elo de credibilidade necessário a uma notícia para que ela seja consumida pelo leitor.

Por outro lado, quando Iser afirma que o mundo real se irrealiza, ele se refere ao fato de que, nessa construção da narrativa – fato e meta-fato, as experiências pessoais e o mundo vivencial são deformados nessa transposição textual. Os elementos perdem sua conformação originária.

Para concluir, a partir do que foi formulado anteriormente, pode-se depreender que o valor da narrativa ficcional na estrutura das notícias jornalísticas reside na sua capacidade de encenar o elemento ausente, impensável e não experimentável pelo sujeito no seu dia-a-dia. Reside nas notícias jornalísticas, como forma contemporânea de ficção literária, a alteridade imaginária, capaz de possibilitar a experiência de não-ser, de exprimir o não-dito e o incognoscível da experiência humana.

Neste ponto, ou seja, do fato de que as notícias jornalísticas são capazes de uma realização do imaginário e da irrealização do real, remetendo o leitor, através de um jogo, a um mundo do como se, saltamos para o aspecto final dessa pesquisa, que diz respeito à psicanálise: aí nos detivemos em duas questões pontuais: a comunicação em psicanálise, perfeitamente traduzível através dos chistes, que operam segundo a lógica do inconsciente. E a segunda tópica de Freud, formulada, sobretudo, em **O eu e o isso**, de 1923.

Para que o chiste opere são necessárias três pessoas na consecução desse processo social: a primeira, que faz o chiste, a segunda, que serve de objeto da invectiva e a terceira, que vai legitimar o feito.

No jornalismo, a história não é diferente. O autor, profissional do jornalismo, vai funcionar no lugar daquele que produz o chiste. A ele cabe a iniciativa do processo, que é derivado de um fato que faz referência ao mundo empírico. O personagem ou personagens da matéria a ser redigida, também advindos do mundo exterior para o mundo do texto, ocupam o lugar da segunda pessoa, aquele que é objeto da invectiva. E, finalmente, o leitor, aquele que referenda esse ou aquele veículo de comunicação, através da audiência que lhe atribui no consumo de seus produtos, é sem dúvida a terceira pessoa do chiste.

A audiência, que se traduz em cifras, em poder econômico, político e social, retorna à primeira pessoa, legitimando o veículo de comunicação que ela representa nesse processo. É a visibilidade do empreendimento. É o riso, a gargalhada que no chiste retornam ao produtor. Audiência e riso estão no mesmo patamar. Ambos conferem reconhecimento e satisfação.

Ademais, o texto jornalístico, amparado por um sujeito enunciador, é constituído por uma articulação entre produção, circulação e consumo, porque, como lembra Eliseo Verón

o processo de produção de um texto repousa ‘atrás’ sobre um processo de reconhecimento e ‘adiante’ só tem efeitos na medida em que é reconhecido. Por outro lado só se pode falar de uma produção a partir de um reconhecimento. Mas, inversamente, pode-se dizer que um processo de reconhecimento só existe sob a forma de processo de produção: porque um reconhecimento só existe produzido, isto é, sob a forma de um discurso do qual esse reconhecimento é uma das condições de produção (apud PEDROSO, 2001, p.66).

O próximo ponto a ser checado nessa aproximação diz respeito às técnicas utilizadas tanto para o chiste quanto para os *faits divers*.

Segundo Freud, para que o chiste seja efetivo, não poderá enfrentar a concorrência de outros pensamentos. Caso isso aconteça, haverá um despertar da atenção. Por isso, a invectiva deve se apresentar como uma novidade para o ouvinte, a fim de que possa ter o efeito de surpresa. O deslocamento, a condensação e a representação por algo absurdo serão as técnicas mais efetivas na distração da atenção consciente do receptor. Além disso, enumera o próprio psicanalista, a terceira condição necessária capaz de provocar interesse, é o *nonsense*, a contradição e o contraste de idéias.

Ora, de que forma operam os *faits divers*?

Segundo a semiologia Barthesiana, o *fait divers*, em seu circuito imanente, não deixa tempo para a razão e para as lentes intelectuais, sendo imediato o seu consumo. É também o tipo de relato de acontecimentos que se refere somente a ele mesmo, sem interferência de outras esferas da vida social e que contém em si toda informação necessária para o seu entendimento, estando circunscrito ao contexto do leitor, do personagem e do receptor.

A novidade, a qual Freud recruta como essencial para o sucesso do chiste, nas notícias *faitdiverianas* residem na factualidade a ser narrada, que é renovada por um sem fim de fatos que recontecem a cada segundo.

Além disso, o *fait divers* é alinhavado, como já dissemos, por dois tipos básicos de categorização – Causalidade e Coincidência – com seus respectivos subtipos direcionados justamente à compreensão da novidade, da excepcionalidade, do contraditório: causa perturbada e causa esperada; repetição a antítese.

Na causa perturbada, existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão ou pela ilogicidade. Em qualquer uma das situações, há a



formalização de conflito, que pode se traduzir em contradição, contraste de idéias ou no *nonsense*.

O conflito advém da factualidade, materializa-se no presente, mas conserva o motivo recalcado, submerso. O determinado é visto, embebido pela historicidade; o determinante é oculto, deixando apenas os indícios de seus domínios. Assim dispõe Ramos (2001, p.125)

verifica-se que há, formalmente, a estruturação de uma situação conflitiva. Esta interpela e obtém reconhecimento não apenas pelo dito, mas, sobretudo, pela forma de dizer. Ocorre a mimetização da dialética da subjetividade. A consciência é o dito, o efeito, o factual, o denotado, o determinado; a Inconsciência, o não-dito, a causa, o contexto, o conotado, o determinante.

Na causa esperada, a excepcionalidade que gera a novidade que, por sua vez, vai despertar o interesse, situa-se nos protagonistas. Geralmente, mãe, criança e velhos, ou, ainda, o mais insuspeito dos sujeitos, capaz de simbolizar a fragilidade e pureza humanas, torna-se o agente do conflito, seja como vítima ou como réu.

Nesses dois tipos de *faits divers*, portanto, reside a estruturação de um conflito não classificado pelo conhecimento humano. Torna-se inexplicável aos recursos da racionalidade e dos pressupostos do intelectual, admitindo um caráter de novidade.

Caráter que também vai ser detectável quando o *fait divers* encaixa-se na categoria de coincidência. Quando se trata da repetição, Barthes alerta que a excepcionalidade que gera novidade está atrelada ao fato de ser o igual que se reproduz com diferença. Instaura a onipresença da factualidade que se mantém além da circunstancialidade. Despe o homem de sua responsabilidade histórica. É a garantia de transferir a responsabilidade para a noção de fatalidade.

Finalmente na antítese, a novidade que vai despertar o interesse e garantir a performance do *fait divers* se encontra na mistura de opostos na mesma dimensão de realidade. Os dissociáveis se tornam indissociáveis. Uma de suas manifestações é o Cúmulo, onde o trágico faz as suas vítimas.

Outro ponto comum detectável tanto nos chistes quanto nos *faits divers* diz respeito à natureza de ambos. Os chistes, Freud os divide em inocentes e tendenciosos – hostis e obscenos –, embora reconheça, posteriormente, que mesmo naqueles considerados inocentes, ou “chistes puros”, há sempre uma intencionalidade.

Da mesma forma, pode se considerar as notícias sensacionalistas no jornalismo. Podem se caracterizar por uma espécie de pequena história do cotidiano, sem grande alcance, confinados a um espaço de significação menos global, mais próximo da vida



das pessoas. Tornam públicos detalhes sem importância do cotidiano de pessoas comuns ou de celebridades, mas que chamam atenção justamente pelo caráter de excepcionalidade, de novidade.

Há, entretanto, outras questões que mobilizam os fatos a se transfigurar em notícias sensacionalistas. Ciro Marcondes Filho (apud ANGRIMANI, 1994, p.150) explicita que "os escândalos, sexo e sangue compõem o conteúdo dessa imprensa [...]. Sua essência, seu sentido, sua motivação ou sua história estão fora de qualquer cogitação." Ou, ainda, com mais incisão, Michel Maffesoli (apud ANGRIMANI, 1994, p.25)

é uma informação quente e circunstancial, localizada[...] ele emana de um lugar datado, ele é carne e sangue em sua origem, [...] como o conto, o carnaval, o jogo pueril, o comentário do *fait divers* permite falar, sem falar, da morte, da violência, do sexo, das leis e de suas transgressões.

Falar sem falar da lei e de suas transgressões. Sem dúvida, outro ponto que une os chistes e os *faits divers*. O mesmo recalçamento que, segundo Freud, a civilização impõe às questões sexuais e aos impulsos hostis, ao interdito, enfim, também opera quando o assunto são as notícias sensacionalistas. Estas, assim como as invectivas verbais, vêm em auxílio do sujeito.

O leitor, receptor da mensagem jornalística, é capaz, assim como no chiste, de assumir o papel da primeira ou terceira pessoa no processo. Como consumidor do *fait divers*, estará no papel de terceira pessoa, subornado com a produção da satisfação que a notícia de violência, sexo ou sangue, que recorre às suas moções pulsionais, vai proporcionar.

Ao mesmo tempo, impedido pelas normas sociais de, desavisadamente, abordar tais ou quais assuntos interditados pela civilização, passa à condição de primeira pessoa, pois é espantoso o impulso que leva alguém que tomou conhecimento de um fato sensacionalista, que redundando em absurdo, morte, violência, ou coisa que o valha, em reproduzi-lo ao primeiro interlocutor, que, inevitavelmente, ingressará no mesmo circuito.

Nessa linha de raciocínio, há que se comentar, ainda, sobre como os *faits divers*, assim como os chistes, se prestam à crítica contra as normas morais e sociais estabelecidas. No papel de primeira pessoa, como já foi colocado anteriormente, o sujeito é capaz de se arvorar de uma crítica que, de outra forma, não seria possível.

Assim, quando relata determinada notícia, que tem como foco instituições, dogmas morais ou religiosos, ou qualquer outra norma que não tenha a legitimidade do



reprodutor do *fait divers*, este se achará no direito de reproduzi-la com toda carga de cinismo, desprezo, menos-valia, enfim, com toda subjetividade, fazendo dessa mesma notícia a arma contra aquilo que tem a sua objeção e que, de outra forma, não poderia ser atingido.

Dessa questão, pode-se ingressar na dinâmica pontual aos chistes: economia e despesas psíquicas, que vão redundar no importante fato do prazer que advém dos chistes e das notícias *faitdiverianas*. Entretanto, essa nova mirada sugere outros aportes: a Segunda Tópica.

A máxima da propaganda, que imperou principalmente nos anos 80 do século passado, com apenas uma mudança de conjunção, de alternativa para aditiva, bem que poderia estar a serviço dos chistes ou dos *faits divers*. Em sua obra de 1905, Freud apontava que o prazer tão peculiar aos chistes resulta de uma equação. Numa matemática que privilegia a economia da despesa psíquica, capaz da suspensão de inibições, o que vem à tona é o prazer.

Quando se trata das notícias sensacionalistas, é possível afirmar que a dinâmica não se desenvolve de forma diversa. Satisfação garantida para quem consome. Dinheiro de volta para quem produz e vende. Satisfação em forma de cifras e reconhecimento. Em troca de centavos é possível o máximo de economia psíquica. As notícias funcionam como uma espécie de atalho ao prazer que vem da suspensão de inibições erigidas pelo Supereu e escapam também ao controle do Eu.

A mancha gráfica nos jornais sensacionalistas escancara o interdito, põe a nu a satisfação das pulsões, na instauração de uma ditadura do Isso. Assim assinala Rosa Nívea Pedroso:

Na leitura, o leitor libera-se projetivamente nos atos desses personagens que ousam obedecer às suas violências e aos seus desejos num mundo interdito e maldito onde é possível realizar com toda a segurança a experiência da liberdade.[...]o leitor libera a fisionomia própria dos seus sonhos, desejos, temores e horrores. A projeção no sócio, personagem do fato, permite a expulsão fora de si dos sentimentos de medo, mal, fatalidade, violação dos tabus e leis, que estão obscuros em si. A leitura [...] permite [...] uma experimentação de emoções sádicas ou eróticas (PEDROSO, 2001, p.51).

Se por outra feita se recorre à Estética da Recepção, é possível afirmar com outras palavras o mesmo mecanismo. As notícias sensacionalistas, enquanto portadoras da estrutura narrativa ficcional, são capazes de encenar o elemento ausente, impensável e não experimentável pelo sujeito no seu dia-a-dia. Ou como diria Iser (2002a, p.116), consiste na possibilidade que o texto oferece ao sujeito de



experimentar a própria inabilidade do ser humano em possuir a si mesmo. [...] Esta encenação de alteridade visa a uma experiência imaginária libertadora, que desfaz os laços que ligam o homem aos papéis sociais e às identidades restritas que lhe são fixadas no seu cotidiano. A alteridade vivenciada através da mimese visa a uma liberação das limitações sociais e também [...] das restrições biológicas.

Mas é preciso dizer mais. Os jornais sensacionalistas se fixam num movimento pendular. Se são capazes da transgressão, são também da punição. Contemplam dois senhores: Isso e Supereu, o que pode ser sinônimo de satisfação em dobro.

Por um lado, propiciam ao sujeito a ilusão de satisfação de suas pulsões, liberando desejos reprimidos e censurados, com a projeção da culpabilidade do ato, que o leitor realiza na imaginação sobre as personagens dos acontecimentos através de, por exemplo, vários mecanismos de perversão como o fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, coprofilia, incesto, pedofilia, necrofilia.

Ao mesmo tempo, o prazer pode erigir do Supereu, ao ver despertado seu potencial julgador, censor, acusador, moralizador, rearticulador da ordem. Uma instância que se faz necessária para redimir o sujeito do seu complexo de culpa que surge ao infringir as normas, assim como pontua Freud:

do ponto de vista do controle instintual, da moralidade, pode-se dizer [...] do superego que pode ser supermoral e tornar-se então tão cruel quanto somente o id pode ser. É notável que quanto mais um homem controla a sua agressividade para o exterior, mais severo – isto é, agressivo – ele se torna em seu ideal do ego. [...] É disso, em verdade, que surge a concepção de um ser superior que distribui castigos inexoravelmente (FREUD, 1976, vol.XIX, p.71).

Esse exercício do Supereu é flagrante em duas situações. Primeiramente na própria punição dos acusados de violação das normas que se tornam os personagens das notícias e, portanto, a vítima, a segunda pessoa, o objeto como no caso do chiste.

Em segundo lugar, no próprio prazer que a leitura desse *fait divers* suscita no receptor que, novamente, por identificação, assume o lugar do outro que pune. Essa irrefreável satisfação por parte do leitor-receptor que se coloca no lugar da Lei nada mais é do que o retorno ao Isso, supremo e absoluto, aquele que tudo pode.

Entretanto, é forçoso não se esquecer que toda essa tensão que vai erigir o sentimento de culpa, que deve se redimir ante à punição, que vai desembocar no próprio EU, como observa Freud em **O Mal Estar na Civilização**:

Quais os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que se lhe opõe, torná-la inócua ou, talvez, livrar-se dela?(...) Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que

então, sob a forma de “consciência”, está pronta para pôr em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos. A tensão criada entre o severo superego e o ego, que a ele se acha sujeito, é por nós chamada de sentimento de culpa; expressa-se como uma necessidade de punição(FREUD, 1976, vol.XXI, p.146-147).

Resta pouco a dizer, mas é necessário que o faça, ainda que seja quase um arremedo do que foi exposto com tanta obscenidade. Retorno, pois, à questão que me conduziu até aqui: em que circunstâncias ocorrem a constituição e o consumo da linguagem sensacionalista, a partir das necessidades inconscientes engendradas e atendidas por esse gênero jornalístico?

A constituição da linguagem sensacionalista, notadamente nos *faits divers*, se ampara na narrativa ficcional, mais flagrante na literatura, com toda sorte de complexidade que é possível se configurar com a emergência da subjetividade do autor-jornalista amparada na reatualização dos componentes míticos, sem, entretanto, perder a referência empírica.

Nessa fabulação cotidiana da contemporaneidade, o jornalista opera num eixo ambíguo que oscila entre a semelhança e a diferença, numa re-apresentação do mundo. Os fatos são convocados ao jornalismo sensacionalista apenas para retirá-los de sua realidade e precipitá-los no imaginário, capaz de rasurar contornos, apagar sua nitidez e retirar o foco da verdade.

Na recepção deste meta-acontecimento que irrealiza a realidade, o leitor é capaz de desfrutar, através do que é escrito, daquilo que se faz presente por sua ausência representativa, encenando uma alteridade de tudo o que o homem não é na ilusão de seus papéis cotidianos.

Essa forma ficcional de narrar a realidade, conferindo ao receptor a possibilidade de realizar desejos inconscientes, ou de induzir outros que ele não havia sequer pensado, enreda o leitor mediante uma antítese entre prazer/desprazer que ele consegue depreender nesse processo.

Ademais, produzir e consumir os *faits divers*, o que inclui escrever e ler as notícias sensacionalistas, obedece à mesma lógica inconsciente operada na produção e consumo dos chistes. Há algo de prazeroso em todo chiste, mas há algo que causa um certo constrangimento e desconforto pois se há a intenção inconsciente, nem sempre quem o produz gostaria que *isso* fosse revelado. A dinâmica estrutural e funcional dos personagens é a mesma, os objetivos e temas idênticos e recorrentes, a equação entre economia e despesa psíquicas redundam num ciclo de prazer/desprazer, inquestionável, embora em nossa dissertação tenhamos focado principalmente os circuitos de prazer evocados pelo chiste.

Os *faits divers*, por assim dizer, tornam-se um cenário privilegiado para o desfile obscuro e obsessivo do Isso, mediante a liberação e satisfação das pulsões, suspendendo inibições que, por outro lado, são capituladas pelo imperioso Superego, que se regozija com as transgressões para ter o prazer de puni-las.

### **Referências Bibliográficas**



- ANGRIMANI, D. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1984.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. Vol 2, 4.ed. São Paulo: Ática, 1990.
- BABO, Maria Augusta. **Ficcionalidade e processos comunicacionais**. 1996. Disponível em [www.ubi.pt](http://www.ubi.pt). Acessado em 14 de agosto de 2005.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- CONY, Carlos Heitor. A sobrevivência da palavra e do caráter humano. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. E-13, 24 ago. 2001.
- FERNANDES, Isabela. **A ficção literária como imagem e máscara**. 2003. Disponível em <http://www.rubedo.psc.br>. Acessado em 04 de junho de 2005.
- FREUD, S. **A questão da análise leiga – conversações com uma pessoa imparcial**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XX)
- \_\_\_\_\_. **O chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1987 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.VIII)
- \_\_\_\_\_. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XIX)
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.XXI)
- ISER, Wolfgang. **Teoria da recepção: reação a uma circunstância histórica**. In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999a, 19-34.
- \_\_\_\_\_. **O fictício e o imaginário**. In: COLÓQUIO UERJ, 7, 1996, Rio de Janeiro, Teoria da ficção: indagações a obra de Wolfgang Iser, Rio de Janeiro, Eduerj, 1999b, 63-78.
- \_\_\_\_\_. O jogo do texto. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.
- \_\_\_\_\_. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa.(Org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. 2.v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b.
- LAGE. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O capital da notícia: jornalismo como produção social de segunda natureza**. São Paulo: Ática, 1989.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Explorações epistemológicas sobre uma antropologia da notícia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.19, p.01-51, dez. 2002.
- PEDROSO, R. N. **A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista**. São Paulo, Annablume, 2001.



RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.14, p.119-27, 2001.

SOUZA, Maria C.J. A construção social de sentidos e o fenômeno da recepção: em questão o papel dos realizadores. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.20, p.46-57, abril 2003.